



## **RELAÇÕES ENTRE BANANICULTURA, ARTESANATO E TURISMO EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ, SP**

**LUCIANA GRACI RODELA**

USP - Universidade de São Paulo  
lurodela@usp.br

**ALEXANDRE DE OLIVEIRA E AGUIAR**

UNINOVE - Universidade Nove de Julho  
aaguiar@uninove.br

**FÁBIO YTOSHI SHIBAO**

UNINOVE - Universidade Nove de Julho  
fabio.shibao@uninove.br

**ANA PAULA DO NASCIMENTO LAMANO FERREIRA**

ana\_paula@uninove.br

Trabalho apoiado pelo CNPq- Conselho Nacional de Pesquisa e pela Uninove- Universidade Nove de Julho.  
Agradecemos aos entrevistados de São Bento do Sapucaí, SP.



## RELAÇÕES ENTRE BANANICULTURA, ARTESANATO E TURISMO EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ, SP

### Resumo

A bananicultura é uma importante fonte de renda e desenvolvimento social e cultural na Estância Climática de São Bento do Sapucaí, SP, especialmente para agricultores, que trabalham em nível familiar, e para artesãos, que desenvolvem produtos artesanais tradicionais, utilizando-se de diversas fibras de bananeiras, produtos considerados ‘sustentáveis’ pelos próprios artesãos. O presente trabalho teve como objetivo discutir esquema preliminar do sistema atual que envolve os desdobramentos, ou impactos socioambientais das atividades advindas da bananicultura, tais como o cultivo de bananas, o artesanato de fibra de bananeira e o turismo, com base em levantamentos de campo e realização de entrevistas com membros da comunidade local (bananicultores, artesãos, funcionários públicos, empresários do turismo etc.). Por meio de análise, as lacunas ainda existentes no esquema proposto foram evidenciadas para subsidiar a continuidade da realização da pesquisa, que visa elaborar diagnósticos socioambientais futuros, envolvendo as atividades provenientes direta e indiretamente da bananicultura no Município.

**Palavras-chave:** bananicultura; artesanato; sustentabilidade ambiental; percepção; turismo.

### Abstract

The banana plantations is an important source of income and social and cultural development in São Bento do Sapucaí city, located to São Paulo Stat, and considered as a climatic refuge. The banana plantations are important especially for farmers who work at family level, and handicraftsmen who develop traditional and environmentally sustainable handicraft products, using fibers of banana plant. This work aimed to propose a preliminary outline of the current system that involves the ramifications or impacts, social and environmental activities originating from the banana plantations, such as the cultivation of bananas, banana fiber handicrafts and tourism. The scheme was based on field surveys and interviews with local community members (farmers, handicraftsmen, government officials, business tourism, etc.). The scheme was analyzed with the objective of seeking to highlight the gaps still existing in it, thus subsidizing the continued execution of the research, which aims to prepare future social and environmental diagnostics, involving direct and indirect activities from banana plantations in the city.

**Keywords:** banana; handicrafts; environmental sustainability; perception; tourism.



# III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

## 1 Introdução

Bananas (*Musa spp*) são as frutas mais populares do mundo e figuram, segundo o WBF (2011), como as principais em volume e em valor do comércio internacional. São importantes em termos econômicos, sociais, políticos e ambientais, e consideradas, pela FAO (2006), de grande relevância para a segurança alimentar, especialmente em países em desenvolvimento, sendo que a maior parte da produção mundial é realizada em países sul-americanos, como o Brasil, caribenhos, sudeste-asiáticos e oeste-africanos. Para SEAAEP (2012), os três maiores produtores são: a China, a Índia e o Brasil que juntos respondem por 43,6% do total mundial e têm suas produções destinadas principalmente aos seus mercados internos.

Dentre as frutas mais consumidas pelas mais diversas camadas da população brasileira, a banana somente é superada pela laranja, sendo a ‘banana prata’ a mais consumida. (Embrapa, 2010). A distribuição da produção brasileira de banana abrange todo o território nacional, e a Região Sudeste participa com 24% do total, com destaque para o Estado de São Paulo considerado o maior produtor brasileiro, de acordo com o IBGE (2010).

No Município de São Bento do Sapucaí, SP, Estância Climática localizada a cerca de 180 km da capital paulista, a bananicultura é uma importante fonte de renda e desenvolvimento social e cultural, especialmente para agricultores e artesãos, onde cerca de 50% de seus 11780 habitantes se dedicam a atividades rurais (SEMA, 2011). Não há dados oficiais sobre o volume específico do setor turístico na economia local, mas é evidente o crescimento da atividade turística na área de estudo. Um indício importante é a participação do setor de serviços na economia (76%), com 44 meios de hospedagem, 13 estabelecimentos de gastronomia, além de três estabelecimentos ligados à recreação e cinco ligados à arte/artesanato (SEMA, 2011).

Contudo, ainda há carência de pesquisas de um modo geral, especialmente as direcionadas aos impactos e desafios ambientais, sociais e econômicos gerados pela bananicultura e subprodutos. Estudos sobre os impactos positivos e negativos da cultura da banana são essenciais para respaldar a implementação de sistemas de produção sustentável participativos e integrados às Unidades de Conservação territorializadas no Município.

Na esfera das inter-relações entre uso do solo (bananicultura), comunidade local (produtores, artesãos etc.) e sustentabilidade (preservação, produtos ‘sustentáveis’), a presente pesquisa visa contribuir para a construção de conhecimentos sobre a cadeia de impactos socioambientais positivos e negativos advindos da bananicultura de São Bento do Sapucaí. Para tanto, o presente trabalho pretende subsidiar a continuidade da realização de discussões mais específicas, relacionadas a todo o sistema produtivo ligado à bananicultura, a fim de sustentar uma discussão diagnóstica futura.

No encaixo dessas considerações, o presente trabalho teve como objetivo discutir um esquema preliminar do sistema atual que envolve os desdobramentos, ou impactos, socioambientais das atividades advindas da bananicultura, além de buscar evidenciar as lacunas ainda existentes no próprio esquema proposto para, desta forma, subsidiar a continuidade da realização da pesquisa. Para tanto, foram realizadas entrevistas com a comunidade local e análise das entrevistas para discussão dos resultados obtidos até o momento.

## 2. Referencial teórico

### 2.1 Bananicultura e sustentabilidade

A bananicultura é uma das culturas agrícolas mais importantes do Brasil e do mundo. No Brasil, seu consumo *per capita* anual ultrapassa 25 kg, sendo cultivada de Norte a Sul do País. (Honfo *et al.*, 2011).



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

Diversos estudos têm mostrado que os principais impactos ambientais e riscos da produção de bananas são: desperdício de produção e perdas pós-colheita (Lichtemberg, 2008); baixo nível de organização dos produtores e venda sem diferenciação pela qualidade (Leite & Junior, 2006), uso excessivo de agroquímicos, desmatamento, erosão e doenças, como o Mal do Panamá e a Sigatoka Amarela, estudados por Cordeiro *et al.* (2005). Soares (1999) *apud* Lima (2005) afirmou que um dos principais problemas do cultivo da banana se deve à utilização do solo sem estudos sobre requisitos necessários à sua ocupação, o que pode resultar em erosão em encostas. Outro impacto é que a bananicultura ocupa espaços que lhe sejam favoráveis, inclusive em áreas destinadas à preservação como margens de cursos d'água, nascentes e topos (Lima & Cascon, 2008). E segundo o IICA (2010), em uma abordagem voltada à gestão e mobilização econômica, social e política, os principais problemas da cultura da banana no Brasil também são diagnosticados pela baixa adoção de tecnologias pelos bananicultores e pouco acesso dos produtores a informações sobre a cadeia produtiva.

O ideal de sustentabilidade rural, um processo contínuo, requer avaliação ambiental em um sistema sólido de planejamento, com participação de todos os interessados, como governos, produtores, técnicos, ambientalistas, etc., ao levar em conta questões tradicionalmente abordadas em gestão e os limites do sistema natural, considerando-se os serviços ambientais que os recursos naturais podem prover. Nessa equação, são incluídos o conhecimento científico acumulado e o conhecimento tradicional, desde que privilegiem a imitação da natureza por meio de um manejo ecossistêmico. De acordo com o WRI (2008), o manejo ecossistêmico deve: manter o ecossistema como um todo, interconectado; visar à produção de bens sustentável; manter opções futuras; manter a produtividade ao longo do tempo, considerar fatores sociais e estéticos das práticas; trabalhar no nível do ecossistema e da paisagem; focar o manejo como uma combinação de fatores científicos e sociais; enfatizar as entradas e processos do sistema; realizar o manejo em função do mimetismo dos processos naturais de produtividade; considerar todas as espécies importantes e os serviços que podem prover; evitar a perda de biodiversidade e a degradação do solo; valorizar custo-benefício e aceitabilidade social.

Esquemas utilizados para avaliação de impactos socioambientais e condições de produção rural para certificação de produção sustentável, produtos orgânicos e selos verdes, admitem a introdução de ações contínuas de aperfeiçoamento com o objetivo de incrementar a sustentabilidade. Entre tantos outros, pode-se destacar, por exemplo, o caso do Café 4C (4C-Association, 2011), que possui um esquema interessante de avaliação socioambiental, que poderia ser aplicado a vários tipos de culturas agrícolas e pecuárias.

Raynolds (2008) ressaltou que há um mercado crescente e internacionalmente competitivo para o consumo de frutas orgânicas. Ao estudar o caso da República Dominicana, um dos principais atores nesse mercado, e entre seus principais produtos está a banana, a autora concluiu que o negócio de exportação desapoderou os pequenos produtores devido a entrada de grandes empresas no negócio, e apontou que isso poderia ocorrer também em outros países da América Latina.

Do ponto de vista dos benefícios sociais e econômicos, Blackman & Rivera (2011) estudaram iniciativas de produção certificada, entre as quais algumas de bananicultura, e não encontraram evidência suficiente de que houvesse benefícios para os produtores devido a certificação, como uma regra. Dos três casos de bananicultura encontrados, apenas um concluiu que os produtores se beneficiaram da certificação.

Por fim, Machovina e Feeley (2013) que estudaram áreas de produção de bananas em diversos países como Colômbia, Equador e México, concluíram que a bananicultura pode ser afetada pelas mudanças climáticas, em alguns casos a expansão das áreas apropriadas para produção tradicional e orgânica, em outros casos, deverá sofrer retração.



## 2.2. Artesanato de fibra de bananeira e sustentabilidade

O artesanato de fibra de bananeira é considerado ‘sustentável’ pela comunidade de São Bento do Sapucaí, pois, por exemplo, utilizam as fibras, subprodutos da bananicultura.

Os ‘produtos sustentáveis’, diferentemente dos produtos convencionais, que não têm contabilizados em seu valor monetário os impactos socioambientais, possuem elementos de sustentabilidade em sua cadeia produtiva, agregando-lhe valor socioambiental. Tais produtos podem ser assim considerados, por exemplo, por gerar menos perdas, por conter menos substâncias prejudiciais ou tóxicas, porque seu processo de produção consome menos energia, porque geram renda a cooperativas, artesãos ou comunidades de baixa renda, porque gastam menos recursos durante sua produção (Rodela, 2011).

Para que o artesanato possa ser considerado ‘sustentável’, é interessante notar o que o Sebrae (2006) diz a respeito do processamento artesanal da fibra de bananeira, pois o mesmo recomenda que seja explorado em regiões que apresentem abundância na cultura desse produto, sendo que o local deve, ainda, ser propício ao desenvolvimento do agroturismo, uma vez que o potencial consumidor está nas classes média a alta.

Em consonância com essas características, conforme FGV (2009), as questões socioambientais estimulam consumidores a mudar seus hábitos de compra, ao inserir novos critérios relacionados à sustentabilidade. Isso exige do produtor e do varejista um novo entendimento das demandas do consumidor, já que seu olhar está além de preço e qualidade, ao despertar o interesse para os componentes sustentáveis dos produtos e serviços.

O artesanato baseado em subprodutos da bananeira tem tido um papel importante em algumas comunidades. Dantas *et al.* (2009) descreveram uma intervenção para geração de trabalho e renda por meio da capacitação para o artesanato com base na bananeira na comunidade de Pilões, PB. Garavello *et al.* (2009) também relataram experiências positivas com a capacitação de população quilombola do Vale do Ribeira para prática do artesanato a partir da bananeira como atividade econômica.

Li *et al.* (2011) descreveram questões encontradas em bananicultura na Índia, com destaque para o diagnóstico de que a falta de lucratividade com os produtos de fibra de banana se deviam, em parte, pela precificação baseada no custo, e não no valor de mercado, e pela falta de organização dos bananicultores para ganhos de escala. Milgram (2002) e Li *et al.* (2011) descreveram casos em que o microcrédito foi usado como elemento essencial para o desenvolvimento do artesanato a partir da banana em comunidades na Índia e nas Filipinas.

## 2.3 Comunidade, turismo e sustentabilidade

As interfaces entre comunidade local e sustentabilidade podem ser evidenciadas por crenças ou anseios de seus membros. Conforme Silva (2006), o conceito de desenvolvimento sustentável ancora a crença de uma comunidade, de que: a participação ativa dos habitantes de um território é decisiva para o seu desenvolvimento, com incremento do nível de conhecimento dos indivíduos, da cooperação, da reciprocidade e da confiança; as instituições atuantes no território precisam estar articuladas com a comunidade e entre si, para favorecer a convergência de agendas e recursos; o desenvolvimento endógeno somente será positivo se for compartilhado com os agentes locais; além das questões de acessibilidade, infraestrutura e recursos naturais, a economia local será em função da identificação e reconhecimento das aptidões do território; as vocações econômicas locais exigem políticas públicas adequadas e organizam a aplicação dos investimentos a partir do registro dos bens materiais e imateriais, da cultura, do resgate da história, das manifestações populares e das tradições locais.



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

Tilley (1994) *apud* Sarashima (2013) descreveu o efeito da ‘consciência do vivido’ de um lugar, o que leva as pessoas a estabelecerem uma identidade pessoal e cultural, a identidade comunitária, que possibilita a criação de auto-identidade por intermédio desse lugar. Nesse sentido na identificação da ‘comunidade’ é essencial considerar os modos de vida daqueles que são os praticantes de uma cultura, bem como outras pessoas que apreciam essa cultura.

Uma ação voltada à sustentabilidade depende de uma intervenção participativa, para tornar os seres humanos do local coparticipes do processo. Há que fortalecer a capacidade local de inovação ao aliar e adaptar o acervo de conhecimentos e saberes do meio, acumulados na experiência histórica, às tecnologias externas, por intermédio de experimentação (Leff, 2000).

Atualmente, tem sido amplamente difundido que a sustentabilidade ambiental, embora seja um alvo difícil de ser atingido em seu centro, envolve a conservação e preservação dos recursos naturais, a justiça social, a valorização da cultura e da educação e o desenvolvimento econômico. Para alcançar plenamente a sustentabilidade ambiental, é preciso respeitar quatro princípios fundamentais; assim, considera-se que em uma sociedade sustentável a natureza não está sistematicamente submetida ao aumento de: concentrações de substâncias extraídas da crosta terrestre; concentrações de substâncias produzidas pela sociedade; degradação por meios físicos; e nessa sociedade: as pessoas não estão sistematicamente sujeitas às condições que as impeçam de satisfazer as suas necessidades fundamentais (*The Natural Step*, 2011).

O turismo sustentável, do qual o ecoturismo e o agroturismo representam algumas de suas modalidades, deve buscar, segundo Swarbrooke (2000), a conservação dos patrimônios natural e cultural, a satisfação dos turistas e a consideração dos impactos socioambientais. Para Camargo (2005), devido à massificação das atividades turísticas, a real fragilidade do turismo está atualmente na falta de calor humano, sendo o resgate da hospitalidade seu maior desafio.

O agroturismo tem sido também estudado como possibilidade de ganhos adicionais para a zona rural. Chemnasiri & Kaewmoung (2008) estudaram esse contexto na Tailândia e concluíram que a atividade do agroturismo tinha grande potencial, e entre os atrativos estava a produção de passas de banana. Três fatores críticos de sucesso destacados pelo estudo foram o treinamento dos agricultores e das esposas, a articulação entre os vários atores envolvidos, inclusive aos que oferecem infraestrutura para o turismo, e um bom planejamento financeiro. Isaac *et al.* (2009) estudaram o agroturismo como forma de recuperar a economia nas ilhas Windward após um período de decadência e de êxodo de produtores de banana e concluíram que havia potencial para contribuir com a recuperação, mesmo que incompleta, da comunidade em função da oferta de atrações ‘premium’ como frutas frescas e pratos exóticos.

As relações entre turismo e bananicultura nem sempre são tranquilas. Snow (2007) fez um estudo etnográfico em uma vila panamenha em que o turismo substituiu rapidamente a bananicultura e concluiu que houve mudanças inclusive do vernáculo, com a adoção de uma linguagem supostamente mais culta. Bagdonis *et al.* (2009) estudaram três fazendas que produziam em pequena escala uma variedade de produtos, incluindo bananas, e concluíram que embora houvesse bastante potencial para o crescimento do agroturismo e até um certo interesse dos fazendeiros, havia ao mesmo tempo receio de que os fazendeiros, ao se dedicarem mais ao turismo, teriam menos tempo para se dedicar à produção agrícola e a seus métodos tradicionais, além da falta de suporte de sua associação para comercialização de produtos durante as visitas.

### 3. Metodologia

#### 3.1. Área de estudo

Com um território de 252,10 km<sup>2</sup>, São Bento do Sapucaí, SP, a 22°41’ S e 45°44’ W (**Figura 1**), representa inestimável importância ambiental, pois localiza-se na Serra da



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

Mantiqueira, considerada um corredor ecológico significativo para os ecossistemas associados à Mata Atlântica do Sudeste do Brasil, de “prioridade extremamente alta para conservação e uso sustentável” (MMA, 2000:29).



Figura 1- Localização do Município de São Bento do Sapucaí no Estado de São Paulo.

São Bento do Sapucaí situa-se na borda noroeste do Planalto de Campos do Jordão, região das mais procuradas por turistas no Estado de São Paulo. Apresenta topografia montanhosa, o que resulta em vários recursos paisagísticos naturais. A área do Município possui altitudes entre 920 metros, na área urbana, a 1905 metros (Hiruma & Teixeira, 2010) na Pedra do Baú (Figura 2), principal atrativo turístico do Município, situada na Unidade de Conservação Monumento Natural Pedra do Baú. A criação desta UC foi um ato recente e envolveu a articulação diversas instituições, como a Fundação Florestal, a Prefeitura Municipal, além de cidadãos.



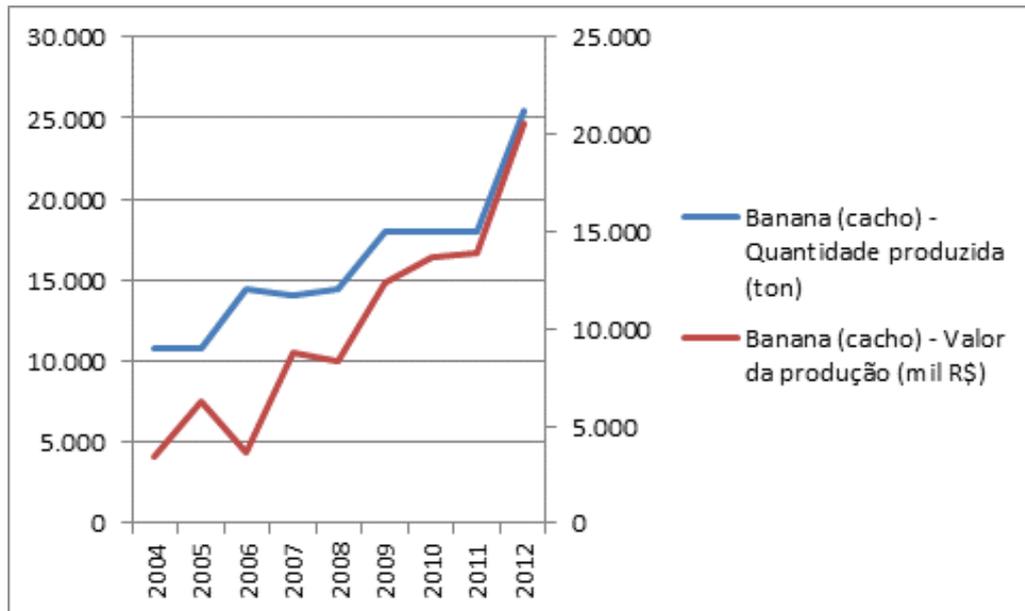
Figura 2- No primeiro plano da foto pasto, seguido de bananal, florestas e a Pedra do Baú no último plano, São Bento do Sapucaí, SP. (maio de 2014).



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

O Município possui aproximadamente 49% de área urbana e o restante se constitui por remanescentes de vegetação de Mata Atlântica e ecossistemas associados (SEMA, 2011), e áreas agrícolas, predominantemente de pastagens e de plantações de bananas.

De acordo com IBGE (2014), São Bento do Sapucaí figurava como 14º maior produtor de banana no Estado de São Paulo no ano de 2012, dentre os 262 Municípios que registraram produção. A **Figura 3** mostra que entre 2004 e 2012 a produção de bananas mais que dobrou e o valor da produção foi multiplicado por quase quatro.



**Figura 3. Evolução da produção de banana e seu valor em São Bento do Sapucaí. (Organização dos autores). Fonte: IBGE (2014).**

Segundo IBGE (2014), a área de bananais aumentou de 900 para 1500 hectares entre 2004 e 2012. Outras culturas também têm importância na economia, mas, sem a mesma representatividade em termos financeiros como a banana e o gado (Grecco, 2006).

### 3.2. Pesquisa de campo e realização de entrevistas

Foram realizados trabalhos de campos mensais ao Município de São Bento do Sapucaí, desde abril a setembro de 2014, quando fizeram-se observações locais e entrevistados membros da comunidade, de vários bairros, desde artesãos (10), bananicultores (5), empresários do turismo/comerciantes (8), funcionários públicos (7) e líderes comunitários (4), totalizando 34 entrevistas, que seguiram roteiros básicos. A comunidade local foi considerada como aquela que possui relação direta ou indireta com o artesanato, seus produtos e com sua matéria prima, independentemente de ser ou não residente no município.

Prevendo-se que a abordagem para realização de entrevista apresentasse algumas limitações, como a inibição e a desconfiança dos questionados sobre as consequências de suas respostas, em especial quando se tratar de áreas de proteção, a cada término de entrevista realizada, perguntava-se ao entrevistado uma sugestão de um nome de uma próxima pessoa que pudesse ser entrevistada e assim por diante, de modo a revelar-se uma rede de contatos entre os entrevistados e melhorar a receptividade à entrevista. A abordagem de entrevista, segundo Souza *et al.* (2006), oferece vantagens, como a obtenção de um padrão sobre o tema de interesse e a possibilidade do pesquisador, por meio das questões elaboradas, direcionar a conversa de acordo com o tema proposto. Os roteiros de entrevistas foram subdivididos em três tipos:



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

Banicultores: a) Identificação do banicultor, idade, escolaridade, cursos técnicos realizados, onde nasceu e viveu, há quanto tempo trabalha com bananicultura, outras atividades etc.; b) Roteiro com questões a respeito do sistema de plantio, técnicas de cultivo, conservação do solo e das áreas verdes, relações com a água, qualidade, produtividade e vendas; c) Inter-relações da bananicultura com outras atividades, especialmente com o artesanato, com políticas públicas e terceiro setor, e com a sustentabilidade; e d) Opinião sobre cenários atual e futuro.

Artesãos (associados ou não às associações de artesãos existentes): a) Identificação, idade, escolaridade, cursos técnicos, onde nasceu e viveu, há quanto tempo é artesão, se realiza outras atividades etc.; b) Roteiro com questões a respeito dos materiais utilizados no artesanato, atividades envolvidas com o artesanato, técnicas, produtos, dificuldades envolvidas com a obtenção de matéria prima; c) Inter-relações do artesanato com outras atividades, com políticas públicas e terceiro setor, e com a sustentabilidade; e d) Opinião sobre cenários atual e futuro.

Cidadãos (microempresários do setor turístico, comerciantes, profissionais da área técnica agrícola, funcionários públicos, líderes comunitários): a) Identificação, profissão, idade, escolaridade, onde nasceu e viveu, há quanto tempo vive/trabalha em São Bento do Sapucaí; b) Roteiro com questões sobre a sustentabilidade no Município, a bananicultura, o artesanato, o turismo, políticas públicas e terceiro setor; e c) Opinião sobre cenários atual e futuro.

A apresentação dos resultados é proveniente das informações obtidas por meio das entrevistas e observações de campo. Como forma de análise foram apresentados os resultados mais significativos/representativos dessas informações e modos dos entrevistados expressar seu pensamento sobre a realidade, e discutidas as lacunas ainda existentes no montante de informações para compreensão da bananicultura e suas inter-relações.

O esquema foi analisado de modo a propiciar a definição das próximas etapas da pesquisa, que visa elaborar diagnósticos socioambientais ao envolver as atividades provenientes direta e indiretamente da bananicultura no Município, tais como o cultivo de bananas, o artesanato de fibra de bananeira e o turismo. Por intermédio da caracterização da bananicultura e da proposição de parâmetros de sustentabilidade em sua avaliação, serão discutidos: o nível de sustentabilidade da bananicultura, considerando-se a manutenção e interconexão com as paisagens naturais; a produção de bens sustentável; a produtividade, considerando fatores sociais e boas práticas de produção; o custo-benefício e aceitabilidade social; a biodiversidade e os serviços ambientais que as plantas e que os recursos naturais podem prover e a formação de uma cultura de agregação de valor socioambiental aos produtos da bananicultura.

As fotografias apresentadas neste artigo foram feitas durante os trabalhos de campo.

#### 4. Análise dos resultados

##### 4.1. Bananicultura

A bananicultura se iniciou há cerca de 30 anos em São Bento do Sapucaí e contribuiu com o abastecimento de bananas da microrregião de Campos do Jordão, na qual se insere, bem como da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) de São José dos Campos e de Jacareí, por outro lado, a bananicultura tem sido fundamental para a produção artesanal, pois a fibra de bananeira é a principal matéria prima para o artesanato do Município.

Os principais tipos de bananas cultivadas são a prata e a nanica. Proprietários rurais relataram que os bananais há décadas vêm substituindo áreas de pastagens. Inicialmente, há décadas atrás, a comunidade investiu em plantações de banana prata, que hoje está mais concentrada em áreas de maior altitude, no Bairro do Paiol, enquanto que atualmente a banana nanica vem substituindo a banana prata por ter se mostrado mais resistente a pragas e fungos



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

que já ocorreram em São Bento do Sapucaí, e está mais concentrada nas partes mais quentes dos níveis topográficos, isto é, de menor altitude, como no Bairro Serrano.

Há desde pequenos produtores que colhem bananas mensalmente até os grandes produtores que colhem semanalmente e ainda compram as bananas dos pequenos produtores, assim contribuem também como atravessadores para o sistema da bananicultura de São Bento do Sapucaí. Os bananicultores estão, de modo geral, satisfeitos com a produtividade, a qualidade e a demanda por bananas na região, embora a visão de cenário futuro varie bastante: uns consideram que a bananicultura tende a aumentar, enquanto outros consideram que tende a ser substituída por outras culturas, como maracujá, tomate e inhame.

Em geral, os bananicultores que demonstraram investir mais tempo em pesquisas, com experimentos de nutrientes para folhas e solos em suas plantações, compras de mudas de laboratórios, e realizam cursos oferecidos pelo Sindicato Rural, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), são os que consideram a bananicultura promissora, inclusive relataram que a bananicultura melhorou muito a vida no meio rural. Segundo eles, melhorou a qualidade de vida por meio da ampliação do poder aquisitivo das famílias que passaram a trabalhar nas últimas décadas com a produção de bananas. Esses bananicultores são considerados os grandes produtores. Os bananicultores que consideram a substituição dos bananais como cenário futuro, foram geralmente aqueles que não realizam investimentos contínuos nos bananais e/ou bananicultores que investem em outras fontes de renda, como em equipamentos turísticos e outras plantações, como milho.

Entretanto, todos admitem ter uma grande preocupação: o clima, especialmente com a falta de chuvas. O ano de 2014 foi considerado o mais seco de suas vidas (todos os entrevistados nasceram e sempre viveram na região e todos cultivam bananas há pelo menos 15 anos e sempre realizaram trabalhos rurais, principalmente de cultivo de bananas, mas também de outras plantas). Os bananicultores consideraram muito mais ameaçador o clima atual e a incerteza futura, do que, por exemplo, uma das tendências que também enxergam: a substituição de bananais por pousadas e outros equipamentos turísticos, bem como por plantações de eucalipto para construção e fornecimento de lenha, principalmente para pousadas.

Dentre os principais problemas apontados pelos bananicultores, consideram sentir falta de maior apoio técnico de órgãos públicos, como da própria associação de produtores rurais, a Frutificar, que os bananicultores consideram como de atuação nula. Os produtores anseiam por subsídios para a melhoria da produtividade e qualidade das frutas (utilização de nutrientes para o solo e para a planta), embora a maioria realize cursos técnicos sobre bananicultura, oferecidos por SENAR/Sindicato Rural, com frequência, bem como, gostariam de apoio para o reconhecimento dos bananais como orgânicos, e principalmente para reconhecimento da fruticultura de São Bento do Sapucaí como bananicultura, pois o Governo Federal só reconhece como fruticultura. Em função disso, tem possibilidades limitadas de subsídios financeiros advindos do Governo Federal.

Técnicos entrevistados (funcionários públicos estaduais e municipais de São Bento do Sapucaí) declararam que já houve a tentativa formal de reconhecimento da bananicultura e foi negada pelo Governo Federal, na gestão passada. Em entrevista com funcionários públicos de São Bento do Sapucaí, notou-se que a Prefeitura encontra-se em um momento de reorganização dos trabalhos para novas implantações e atualmente se prepara para uma atuação mais próxima do produtor rural, estando em processo de contratação de técnicos.

Os bananicultores entendem que a bananicultura que desenvolvem é sustentável, porque declaram não utilizar fertilizantes ou inseticidas, e consideram suas plantações orgânicas; mantém a vegetação das áreas mais inclinadas do terreno; utilizam os restos de poda das bananeiras (folhas, 'caule', bananas ruins para o comércio) como adubo orgânico, já que ao deixar sobre o solo (**Figura 4**), adicionam, assim, matéria orgânica; e não irrigam os bananais.



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

Em entrevista a funcionários públicos municipais e estaduais técnicos das áreas agrícolas e de meio ambiente, a opinião sobre a utilização de defensivos agrícolas nos bananais é bem divergente. Alguns consideram que a banana do município “é ecológica” pois os produtores não usam muito adubo químico (usam herbicidas e roçam), pois em São Bento do Sapucaí não há problemas sérios com doenças e não é permitido usar defensivos pois as terras encontram-se em Áreas de Proteção Ambiental, como a APA Sapucaí Mirim. Por outro lado, técnicos da área de meio ambiente relatam que o uso de agrotóxicos precisa ser melhor investigado.



**Figura 4- Fotografia de bananal de ‘banana prata’ com solo recoberto por ‘caules’ e folhas de bananeiras, Bairro do Paiol, São Bento do Sapucaí, SP (agosto de 2014).**

Entretanto, os bananicultores não consideram que haja demanda suficientemente compensadora para o mercado de orgânicos, bem como, não consideram que seja interessante tentar o processo de certificação orgânica, pois dependeriam também das técnicas de cultivo da terra utilizados pelos vizinhos, porque nos processos de certificação de orgânicos as terras vizinhas também são consideradas em função dos fluxos naturais. Como em São Bento do Sapucaí as propriedades em geral são de pequeno porte, há intercalação de culturas entre uma propriedade e outra vizinha, como pastagens para gado leiteiro e plantações que utilizam agrotóxicos na região, como as de tomate, maracujá, inhame, milho, e outros.

Assim, dentre os sistemas de cultivo, predomina aquele em que os bananais foram plantados há cerca de 15 anos, quando houve adubação regularmente, e atualmente utiliza-se apenas calcário aproximadamente a cada dois anos. Os bananicultores mais investigativos realizam algum outro tipo de adubação com nutrientes, como boro, mas parece ser raro. Os bananicultores declaram não realizar irrigação, não utilização inseticidas, e os cuidados são a roçada (para retirar, por exemplo, o capim Braquiária), a poda e desfolha aproximadamente a cada três meses e a utilização dessa poda/desfolha como matéria orgânica para o solo. Alguns bananicultores vendem parte desse material de poda dos ‘caules’ para uma pequena indústria de papel artesanal feito de fibra do ‘caule’ de bananeira, a Agroarte.

Quanto ao motivo de não haver irrigação, a grande maioria dos agricultores admitem que o bananal exige solos úmidos, e se desenvolvem bem com a intercalação natural do clima, com estação chuvosa e quente, e fria e seca de aproximadamente um semestre cada estação. Consideram que esta relação sazonal diminui as pragas e doenças. É a dinâmica climática típica da região sendo considerada como um dos principais fatores do bananal saudável e produtivo. Daí a preocupação com anos muito secos, como o de 2014, que aumentou o desaparecimento de nascentes, o que não parece relacionar-se com desmatamento, pois, tanto bananicultores, quanto líderes comunitários e funcionários públicos ligados à agricultura do Município comentaram que a cada ano maior quantidade de matas é vista na região.



#### 4.2. Artesanato de fibra de bananeira

O artesanato do Município tem bastante diversidade de produtos, especialmente ao utilizar fibras da bananeira e a palha de milho. Na visão da comunidade em geral, o artesanato que utiliza a fibra de bananeira, que tem como base a esteira da lâmina fibrosa do ‘caule’, é um dos ícones de sua cultura e é considerado mais vendável do que outros tipos de artesanato.

Há duas associações de artesãos no Município, Arte e Artesanato, no centro da cidade, e a Associação Quilombo, no Bairro Quilombo, que expõe, respectivamente artesanatos de cerca de 70 associados de todos os bairros do Município e de 85 associados somente do Bairro Quilombo. A Prefeitura fornece alguns subsídios (funcionários, energia elétrica, telefone, transporte para as feiras, por exemplo) para ambas as associações, mas esses subsídios sofrem variações ao longo do tempo. Na Associação do Quilombo, de modo geral os artesãos consideram a Prefeitura uma parceira no desenvolvimento local, ainda com necessidade de melhorias no bairro e na associação, mas como tem uma organização comunitária bem estabelecida, os problemas são resolvíveis ao longo do tempo em função da própria participação popular, que se organiza para cobrar melhorias específicas.

Os artesãos do Município se mostraram, em geral, preocupados com o reconhecimento de seus trabalhos como algo que contribui para a manutenção do equilíbrio natural. Consideram que seu trabalho de artesanato de fibras contribui com a sustentabilidade ao retirarem da natureza elementos que não seriam utilizados, porque existe quantidade suficiente de outros materiais orgânicos (folhas, ‘caules’, bananais ruins para o mercado) para fertilizar os solos. Na visão deles, a retirada da fibra do ‘caule’ de bananeiras causa pouco impacto ao ambiente (retiram manualmente) e contribui para a sustentabilidade, pois consideram que seu artesanato é muito durável, o que possibilita a reutilização por vários anos, outra característica marcante desse artesanato é a busca pela utilidade. Na Associação do Quilombo, por exemplo, somente são expostos artesanatos mais tradicionais, geralmente feitos de fibras, principalmente de bananeira e de milho. Procuram se adaptar às exigências das feiras anuais do Revelando São Paulo (São Paulo, 2014), que incluem várias restrições aos tipos de artesanato, para que sejam expostos somente artesanatos realmente tradicionais e que utilizem materiais provenientes diretamente da natureza. Não aceitam materiais sintéticos, por exemplo.

Obviamente o artesanato de fibra de bananeira de São Bento do Sapucaí depende, em grande parte da bananicultura, mas também do turismo, onde está o principal consumidor do artesanato, o que possibilita tanto o desenvolvimento de artesãos que vivem unicamente do artesanato, quanto artesãos que o fazem como um complemento de renda.

#### 4.3. Sistema bananicultura x artesanato de fibras de bananeira

Os bananicultores entrevistados até o momento relataram que o sistema da bananicultura funciona em função da organização individual de cada produtor e/ou sua família, sem interferência de órgãos públicos, como a Prefeitura e a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) ou outras organizações (Sindicato Rural, SENAR, Frutificar). Entretanto os artesãos, embora anseiem por muitas melhorias no sistema de apoio, o reconhecem por parte da Prefeitura, especialmente os que se encontram associados. O SENAR, juntamente com o Sindicato Rural oferecem algum apoio aos bananicultores e aos artesãos, por intermédio de cursos, como de artesanato e de apicultura, que contribuem para a utilização múltipla do espaço (a apicultura ocorre nos bananais, por exemplo). Essas relações foram resumidamente esquematizadas na **Figura 5**.



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

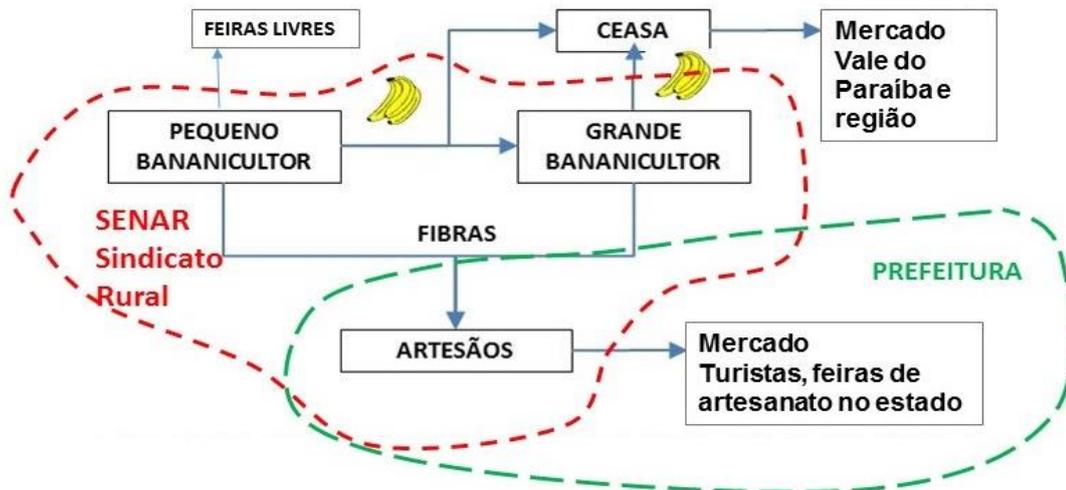


Figura 5- Esquema preliminar da cadeia da bananicultura de São Bento do Sapucaí, SP (Organização dos autores).

Uma das lacunas no sistema de desdobramentos socioambientais da bananicultura em São Bento do Sapucaí é que os artesãos do Bairro Quilombo não possuem seus próprios bananais, e também não permitem que artesãos de outros bairros se associem. Disseram que o artesanato representa a cultura do próprio bairro. Desta forma, precisam depender de bananicultores que forneçam a lâmina fibrosa do ‘caule’ da bananeira (‘palha da bananeira’) e há uma resistência cada vez maior, inclusive em vender a ‘palha’ aos artesãos, pois os bananicultores não consideram lucrativo. Esses bananicultores também, em geral, não permitem que os artesãos entrem em suas terras para retirar a ‘palha’ da bananeira, por considerarem que podem transmitir doenças ao bananal, próprias da bananicultura, como o ‘Mal do Panamá’, que já chegou a destruir bananais inteiros em São Bento do Sapucaí. Alguns artesãos do Quilombo já buscam fibra de bananeira fora do Município.

Este problema não atinge a pequena indústria de papel Agroarte, uma vez que os próprios bananicultores recolhem os ‘caules’ para vender para a Agroarte, e por isso não consideram correr riscos por conta de doenças. A maior parte dos bananicultores entrevistados declaram não vender os ‘caules’, por não considerarem lucrativo. Entretanto, o artesanato feito do ‘caule’ triturado da bananeira passa por processo de branqueamento para produção de papel (utilizado como revestimento de luminárias, principalmente) e pesquisas mais específicas são necessárias para considerar a sustentabilidade desse tipo de produto.

Por outro lado, no Bairro do Paiol, onde há também vários artesãos, não ocorre esse problema em se conseguir a fibra, porque geralmente esses artesãos são mulheres cujos maridos são bananicultores. Entretanto, esses artesãos não se encontram organizados em associação de bairro, o que talvez lhes permitisse ampliar a produção e, segundo uma das entrevistadas do Paiol, a convivência social e a criatividade proveniente da troca de ideias. Entretanto, ainda não se sabe se os artesãos do Paiol teriam interesse em ampliar a produção de artesanato.

Ainda não se conhecem as implicações da falta de associações em todos os bairros, como a produtividade, especialmente relacionando-se aos tipos de artesanato que são expostos. Conforme ressaltaram Chemnasiri & Kaewmoung (2008), esse é um tema importante no estudo feito com agricultores. Portanto, pesquisas mais específicas são necessárias.

Outra questão se refere ao controle sobre a dinâmica do sistema de inter-relações da bananicultura. Quais são as ações realmente significativas para a manutenção do sistema produtivo e de mercado. O peso do governo, do SENAR/Sindicato Rural ou a falta de intervenção desses. Os bananicultores relatam não ter tido apoio da Prefeitura ou do Estado,



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

representado pela CATI no Município. O apoio que alegam receber é a realização de análise de solo para realização de calagem. Até o momento a pesquisa apontou para um funcionamento interdependente entre o poder público e a economia produtiva da cultura da banana. Entretanto, segundo técnicos entrevistados, os projetos do estado e do município existentes tem a prática da extensão ao produtor deficiente. Há necessidade de melhorar o repasse de tecnologias, mas não se sabe os motivos reais do enfraquecimento da extensão dos projetos ao produtor.

A questão do clima seco, levantada como o principal problema atual na área rural, pelos bananicultores, precisa ser investigada enquanto se uma questão relacionada às mudanças climáticas e/ou eventos naturais periódicos.

De modo geral, os entrevistados indicam uma solução para os problemas relacionados ao desenvolvimento socioeconômico do Município, tanto no que se refere ao incentivo à produção artesanal quanto à bananicultura e ao desenvolvimento sustentável do turismo: organização comunitária e planos consistentes do terceiro setor. Profissionais ligados aos equipamentos turísticos reconhecem que ações da Prefeitura Municipal são constantes pela melhoria do turismo, embora lentas, e geralmente voltadas à sinalização. É necessário conhecer melhor os projetos atuais e se há projetos em parceria entre as Secretarias de Meio Ambiente e de Turismo.

Sem dúvida, os desafios exigirão uma ação conjunta de todos os intervenientes do setor da bananicultura, do artesanato e do turismo, no sentido de buscar soluções práticas e orientadas para os resultados de interesse comum, mas a comunidade parece encontrar-se disposta a alinhar sua produção à sustentabilidade. A comunidade já possui produtos de valor socioambiental agregado, que carecem de estudo como forma de reflexão, para divulgação científica e como forma de valorização cultural e econômica, ao buscar fortalecer as ações sustentáveis.

#### **4.4 Turismo e suas interações**

O turismo também tem um potencial importante para interagir de maneira sinérgica com a bananicultura e o artesanato de fibras de bananeiras no Município. O Município tem qualidade ambiental a oferecer, a qual está intimamente relacionada ao bem estar do turista e das populações, o que está profundamente relacionado à qualidade de vida da comunidade. Além disso, notou-se a capacidade potencial de a população receber bem o turista, e buscar superar a dificuldade colocada por Camargo (2005) relativa a falta de calor humano. Os receptivos tem sido considerados hospitaleiros pela própria comunidade.

Quanto a possibilidade de agroturismo, aparentemente a literatura internacional tem apontado que as vantagens são mais significativas quando o negócio da agricultura não vai bem, então o agroturismo serve para recuperar a lucratividade. Provavelmente esse não seja o caso em São Bento do Sapucaí, por conta de sua produção ainda crescente de bananas. Não se notou a presença de grandes empresas, embora haja um grande produtor que atua também como intermediário. A situação não parece, no momento, se comparar com o relatado por Reynolds (2008) na República Dominicana, porque os produtores de São Bento do Sapucaí atendem a um mercado regional e não global.

O agroturismo em São Bento do Sapucaí vem se desenvolvendo juntamente com o ecoturismo e o turismo esportivo de montanha (escalada, campismo, etc.). Tais modalidades além de aproveitarem a paisagem rica em biodiversidade e usos rurais da terra, tem como um dos principais ícones os produtos artesanais elaborados na cadeia da banana. Entretanto, os produtos culinários, feitos com banana, ainda não considerados lucrativos pela população e os equipamentos turísticos, como restaurantes e pousadas, ainda muito pouco se utilizam das receitas tradicionais com banana. Entretanto, um novo projeto de turismo rural (agroturismo) da Prefeitura Municipal em parceria com o SENAR, em fase de implantação nos bairros do Cantagalo e do Baú, inicia a valorização da gastronomia e de produtos culinários locais, tais



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

como azeite e doce de banana, de modo a ampliar as áreas de acesso turístico e desenvolvimentos desses bairros do município.

### 5. Considerações finais

Com a emergência da atividade turística e a expansão da produção de bananas e do artesanato de fibras, a comunidade de São Bento do Sapucaí passou a se articular para ampliar seus mercados. Por exemplo, alguns dos bananicultores, em ações individuais, procuram, ao longo das últimas duas décadas, organizar a distribuição de bananas para o mercado e melhorar as condições de cultivo e produtividade. No Bairro Quilombo a comunidade se organizou em uma associação de artesãos que qualifica a mão-de-obra local, comercializa e divulga os produtos. A sustentação do sistema como um todo, da bananicultura e do artesanato parece ter pouca influência do poder público e em alguns casos a organização comunitária e o Sindicato Rural/SENAR apontam para certo controle e/ou incentivo. Há necessidade de compreender os limites da extensão ao produtor rural, dos projetos elaborados pelo poder público.

A valorização de produtos e de produção ‘sustentáveis’ no Município, juntamente com o empenho em manter e inovar sobre o que é tradicional dentro da cultura, tem se mostrado, em parte, como forma de melhoria da qualidade de vida por meio do aumento do poder aquisitivo para os bananicultores, que procuram investir em produção “orgânica”, ao acrescentar restos de poda de folhas e ‘caules’ ao solo, sistema do qual se orgulham.

A bananicultura tem sido fundamental para a produção artesanal, pois a fibra de bananeira é a principal matéria prima. Por outro lado, o turismo configura a principal demanda por esse tipo de artesanato. Entretanto, artesãos, especialmente do Bairro Quilombo, enfrentam problemas crescentes para conseguir a fibra de bananeira.

O conhecimento do sistema como um todo e as forças que interferem em sua dinâmica são assuntos considerados na continuidade da pesquisa, além da cadeia produtiva completa, considerar quanto à: a) Bananicultura: a produção é realmente orgânica? Em que outros sistemas de produção sustentável poderia se encaixar? Poderia ser proposto um sistema local de produção sustentável?; cenários futuros em relação às mudanças climáticas; papel do governo e da comunidade no desenvolvimento da bananicultura; b) Artesanato de fibra de bananeira: dependência da bananicultura local; papel do governo e da comunidade no desenvolvimento do artesanato; importância do artesanato nos casos da mulher e do homem.

### Referências

- Bagdonis, J. M., Hand, E., Larson, G., Sanborn, M.; Bruening, T. H. (2009) Agro-ecotourism in Costa Rica: A Participatory Rural Appraisal Case Study. *Proceedings of the 25th Annual Meeting, InterContinental San Juan Resort, Puerto Rico*. P. 78-85.
- Blackman, A., & Rivera, J. (2011). Producer-Level Benefits of Sustainability Certification. *Conservation Biology*, 25(6), 1176-1185.
- Camargo, L. O. de L. *Hospitalidade*. 2ª. edição. São Paulo: Aleph, 2005.
- Chemnasiri, N., & Kaewmoung, D. (2008). Farm development to become agro-tourism area by community involvement in Saraburi, *Thailand Amfiteatru Economic*, 10 (2): 184-194.
- Cordeiro, Z. J. M.; Cavalcante, M. de J. B.; Matos, A. P.; & Silva, S. O. (2005). ‘Preciosa’: Variedade de Banana Resistente à Sigatoka-Negra, Sigatoka-Amarela e ao Mal-do-Panamá. *Fitopatologia brasileira*. 30(3).



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

- Dantas, L. C.; Guimarães, L. E. C.; Alameida, J. D. (2009) Produção artesanal, design participativo e economia solidária: a experiência do grupo mulheres da terra, Pilões-PB. *Encontro Nacional de Engenharia de Produção*, XXIX.
- Embrapa. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. (2010). Banana. In: *Culturas pesquisadas*. Embrapa Mandioca e Fruticultura. Disponível: <http://www.cnpmf.embrapa.br>. Acesso: junho de 2014.
- FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. (2006). Banana. In: *Agricultural products*. United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). Disponível: <http://www.unctad.org>. Acesso: agosto de 2014.
- Garavello, M. E. de P. E. Uma experiência de pesquisa e de extensão universitárias: artesanato com fibra de bananeira. *Participação*, n. 15, 2009.
- Grecco, A.P. (2006). *As atividades ecoturísticas e de aventura no contexto paisagístico de São Bento do Sapucaí*. (Dissertação de mestrado). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista.
- FGV. Fundação Getúlio Vargas (2009). *Fórum de Varejo e Consumo Sustentável: experiências, debates e desafios*. São Paulo: FGV. 46p.
- Hiruma, S.T. & Teixeira, A.L. (2010). *Proposta de Sítio Geológico da Pedra do Baú*. São Paulo: Instituto Geológico, 8p.
- Honfo, F.G.; Tenkouano, A.; Coulibaly, O. Banana and plantain-based foods consumption by children and mothers in Cameroon and Southern Nigeria: A comparative study. *African Journal of Food Science*, v.5, p.287-291, 2011.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Produção Agrícola 2009. In: *Economia*. Disponível: <http://www.ibge.gov.br> Acesso: junho de 2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades. São Bento do Sapucaí*. Disponível: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso: agosto de 2014.
- IICA. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). *Fruticultura Banana* (Vol. 3). Brasília: IICA / Instituto Banco do Brasil, 2010, 46p.
- Isaac, W. P., Ganpat, W. G., Bowen-O'Connor, C. (2009). Sustainability of the windward islands banana industry through agro-tourism. *Proceedings of the Caribbean Food Crops Society*, 45, 27-34.
- Machovina, B., & Feeley, K. J. (2013). Climate change driven shifts in the extent and location of areas suitable for export banana production. *Ecological Economics*, 95, 83-95.
- Leff, E. (2000) Tiempo de Sustentabilidad. *Ambiente e Sociedade*. 6: 5-15. Campinas.
- Leite, M. A. S. & Júnior, A. G. S. (2006). Diagnóstico da competitividade da cadeia de produção de banana, limão e anonáceas no Norte de Minas Gerais. *Instituto Brasil de Estudos, Pesquisa e de Gestão Estratégica de Competências*. Viçosa – MG.
- Li, S. X. *Srinivasan services trust: Combating poverty with entrepreneurship*. MIT Sloan Management, June 2011. Disponível: <https://mitsloan.mit.edu/learningedge/casedocs/11-113.sst.kelly.pdf>. Acesso: 21 de Agosto de 2014.
- Lichtemberg, L. A. (2008). Colheita e Pós-Colheita de Banana. *Revista Informe Agropecuário*, 29 (245) 73-90.
- Lima, D. C. A. (2005). *A bananicultura na área de proteção ambiental da Serra de Maranguape-CE e suas implicações no ambiente físico, humano e na biodiversidade*. (Dissertação de Mestrado) Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- Lima, D.C.A & Cascon, P. (2008). Aspectos socioambientais e legais da bananicultura na APA da Serra de Maranguape, Estado do Ceará. *Revista Eletrônica do PRODEMA*. 2(1), 64-79.



## III Simpósio Internacional de Gestão de Projetos (III SINGEP) II Simpósio Internacional de Inovação e Sustentabilidade (II S2IS)

- Milgram, B. L. (2002) Banking on Bananas, Crediting Crafts: Financing Women's Work in the Philippine Cordillera. *Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice*, v. 26, n. 2, p. 109-119.
- MMA. Ministério do Meio Ambiente MMA. (2000). *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos*. Conservation International, Fundação SOS-Mata Atlântica, Fundação Biodiversitas, Secretaria Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Brasília: MMA. 40p.
- Raynolds, L. T. (2008). The organic agro-export boom in the Dominican Republic: maintaining tradition or fostering transformation? *Latin American research review*, 43(1), 161-184.
- Rodela, L. G. (2011). Uma abordagem didática no ensino superior sobre consumo consciente e produtos sustentáveis. In: I Workshop de Ciências Ambientais da UNESP Sorocaba. 3p.
- Sakitani, I. (2006). *Geografia e cartografia do turismo*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 98p.
- São Paulo (Estado). *Revelando São Paulo*. Disponível: [www.revelandosaopaulo.org.br](http://www.revelandosaopaulo.org.br). Acesso: agosto de 2014.
- Sarashima, S. 'Community' as a Landscape of Intangible Cultural Heritage: Basho-fu in Kijoka, a Japanese Example of a Traditional Woven Textile and its Relationship with the Public. *International Journal of Intangible Heritage*. Vol.8: 136-152, 2013.
- SEAAEP. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná. Departamento de Economia Rural. *Fruticultura: Análise da Conjuntura Agropecuária*. (Relatório Técnico). Dezembro de 2012.
- Sebrae. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2006). *Artesanato em fibra de bananeira*. (Ficha Técnica) Iconha: SEBRAE/Associação de Artesãos do Município de Iconha, 7p.
- SEMA. Secretaria de Estado do Meio Ambiente (2010). *Proposta para criação do Monumento Natural da Pedra do Baú*. São Paulo: SEMA. 64 p.
- Silva, H.M. (2006). *Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro* (tese). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 165p.
- Snow, P. (2007) Vernacular shift: Language and the built environment in Bastimentos, Panama. *Identities: Global Studies in Culture and Power*. 14, 161-182.
- Souza, I.F., Ferreira, L.E.C., Magini, C., & Abessa, D. M. de S. (2006). Percepção ambiental, perfil sócio-econômico e uso e ocupação do solo pela comunidade residente no núcleo Pedro de Toledo, Parque Estadual da Serra do Mar, SP. *Revista O mundo da saúde*. São Paulo, 30 (4), 570-580.
- Swarbrooke, J. (2000). *Turismo sustentável: Meio Ambiente e Economia*. São Paulo: Aleph.
- The Natural Step. *The four system conditions*. Estocolmo: The Natural Step Organization. Disponível: <http://www.thenaturalstep.org/en>. Acesso: fevereiro de 2014.
- WBF. World Banana Forum. Why a permanent forum on bananas? In: *History of the forum process*. Rome, Italy: WBF of Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). Disponível: <http://www.fao.org/economic/worldbananaforum>. Acesso: fevereiro de 2011.
- WRI. World Resources Institute. *Ecosystem Services for Development*. Washington: WRI Disponível: <http://www.wri.org/>. Acesso: outubro de 2008.
- 4C-Association. *The 4C Verification System*. Bonn: 4C-Association. Disponível em: <http://www.4c-coffeeassociation.org>. Acesso: junho de 2011.